

AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DAS SENTENÇAS DE TÓPICO

Luiz Augusto Vieira de Carvalho (UERJ)
professorluizvieira@outlook.com

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo as construções de tópico: topicalização, anacoluto, deslocamento à esquerda e Falso SVO. Tais construções caracterizam-se por ter um elemento que é alçado à periferia esquerda da sentença e sobre o qual se segue um comentário. O objetivo geral deste trabalho é analisar e identificar as funções discursivas das sentenças de tópico, além daquela que lhe é comumente atribuída como elemento que anuncia o tema do discurso, chamando a atenção do ouvinte para si. Outro objetivo é verificar se as diferentes construções de tópico compartilham as mesmas funções no discurso. Este estudo objetiva também enriquecer e ampliar as pesquisas que já existem sobre o tema, como também ajudar os professores de Língua Portuguesa no reconhecimento dessas funções ao se depararem com tais estruturas, por exemplo, nas redações dos alunos. Esta análise foi alicerçada seguindo pressupostos funcionalistas, principalmente, as teorias de Lambrecht (1996) e de Pontes (1987). Seguindo esses pressupostos, reunimos 29 exemplos retirados principalmente das obras de diversos autores da comunidade linguística, assim como de conversas informais do dia a dia, televisão e propaganda. O estudo identificou 6 funções discursivas que as construções de tópico podem desempenhar no discurso: a) como elemento de contraste; b) elemento reintrodutor do tópico; c) elemento promotor de mudança de assunto no discurso; d) elemento que serve de retomada para uma entidade mencionada anteriormente; e) elemento introdutor de novos tópicos e f) elemento responsável pelo relevo de determinada coisa ou pessoa no discurso. Dessa forma, conseguimos demonstrar que o tópico pode desempenhar outras funções discursivas, além daquela que lhe é normalmente imputada. Os dados também revelaram que não há uma relação um a um entre as estratégias de tópico e as funções discursivas, visto que há funções que apresentam quase ou todas as estratégias, como também há estratégias que só desempenham uma função no discurso.

Palavras-chave:

Construções de tópico. Funções discursivas. Pressupostos Funcionalistas

1. Introdução

Sintaticamente e discursivamente diferentes das sentenças canônicas SVO, as construções de tópico ocorrem quando um elemento da sentença se desloca à periferia esquerda da sentença e a seguir se faz um comentário sobre ele. Em (01), “o bolo” é o tópico da sentença, já que é o termo sobre qual se declara alguma coisa, por sua vez, “eu não gostei” é o que se declara do bolo, sendo assim o comentário da sentença.

(1) **O bolo**, eu não gostei Pontes (1987, p. 40)

Sob a perspectiva sintática, o tópico é visto como um sintagma nominal, na maioria das vezes, que se realiza numa posição, geralmente, deslocada à periferia esquerda da sentença, sobre o qual se faz um comentário. Esse sintagma nominal pode corresponder a praticamente qualquer função sintática: objeto direto e indireto, adjunto, entre outros.

Sob a perspectiva discursiva, o tópico, de acordo com Lambrecht (1996, p. 118) “*is the thing which the proposition expressed by the sentence is about*”⁸. Entre suas funções mais gerais, o tópico anuncia o tema do discurso, colocando-o em destaque para chamar a atenção do ouvinte. Além disso, o tópico é visto como um direcionamento do discurso, do qual falante e ouvinte se utilizam para progressão das informações no discurso.

A articulação tópico-comentário se apresenta de formas distintas no enunciado linguístico, sendo assim, pode-se dividir as construções de tópico em estratégias diferentes. Cada um desses tipos de construções de tópico apresentará diferenças tanto sintáticas, como discursivas. Este trabalho tem como objeto de estudo as estratégias de tópico rotuladas por Pontes (1987) e Vasco (2006), a saber; topicalização, deslocamento à esquerda, anacoluto e falso SVO.

Este trabalho, além de complementar, enriquecer e ampliar os estudos e as pesquisas que já existem sobre as construções tópico-comentário, acredita que, ao analisar especificamente as funções discursivas das construções tópico-comentário, não só pode ajudar a explicar certos fenômenos linguísticos, que uma análise simplesmente sintática não daria conta, como também pode auxiliar professores de língua portuguesa no reconhecimento dessas funções discursivas, uma vez que partimos da premissa de que a não aceitação das construções de tópico-

⁸ Tradução: é a coisa sobre a qual se declara na sentença.

comentário pela tradição gramatical- que consequentemente se refletirá no preconceito e na estigmatização de tais construções por parte dos professores de língua portuguesa- se dá, na maioria dos casos, pelo desconhecimento das diferentes funções discursivas que essas construções podem desempenhar no discurso.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é reconhecer e identificar algumas das funções discursivas que as sentenças de tópico podem exercer no discurso. Não apenas a função ou funções recorrentemente atribuídas ao tópico pelos autores, mas também e, sobretudo, outras que podem ou não estar ligadas a essas. Este estudo entende que essa função do tópico como elemento que anuncia o tema do discurso, colocando-o em destaque para chamar a atenção do ouvinte é a função discursiva geral/elementar atribuída ao tópico. Não obstante, analisando algumas construções de tópico pode-se evidenciar a presença de outras funções que estão, de certa forma, interligadas à função discursiva geral do tópico, mas não se restringem a ela. Além disso, este trabalho objetiva verificar se há alguma função discursiva que seja específica de uma determinada estratégia de tópico.

Para alcançar esses objetivos, analisamos as obras de Botelho (2010), Lambrecht (1996) Melo (2012), Pontes (1987), Vasco (2006), Moraes (2006), Cunha (2010), assim como de situações reais do dia a dia, televisão e propaganda. E a partir dos exemplos citados por eles e dos outros citados acima, mostrar-se-ão as funções discursivas do tópico. Essa escolha é crucial para este trabalho, já que, na maioria dos exemplos, pôde-se evidenciar o contexto linguístico e extralinguístico nos quais tais construções estavam situadas.

2. *Um breve comentário sobre o status informacional do tópico*

Em primeiro lugar, precisamos fazer um breve comentário sobre como funciona o status informacional dos referentes no discurso, uma vez que é de fundamental importância para o entendimento das funções discursivas do tópico. Para isso, basear-nos-emos na perspectiva teórica de Lambrecht (1996).

De acordo com Lambrecht (1996), a informação “velha”, “dada” ou “pressuposta” é a soma do conhecimento evocado na sentença a qual um falante assume já ser disponível na mente do ouvinte no momento do discurso. Já a informação “nova” é a informação que não é conhecida ou

que não é existente pelo ouvinte no momento do discurso, dentro desse viés, para Lambrecht (1996), dependendo da avaliação do falante, se um determinado referente no discurso já está arquivado na mente do ouvinte, tal referente pode ser classificado como identificável ou não identificável. Ainda, segundo o autor, se tal referente é identificável ele pode ser considerado ativo, acessível, ou não usado dependendo da avaliação do falante em relação a tal status na mente do ouvinte no momento da conversação. De acordo com Lambrecht (1996, p. 78), um referente é considerado identificável quando “*a shared representation already exists in the speaker’s and hearer’s mind at the time of utterance*”⁹, por outro lado um referente é não identificável quando “*a representation exists only in the speaker’s mind*”¹⁰. Portanto, de acordo com Lambrecht (1996) um referente é identificável se o falante assume que tal referente já está estocado na mente do ouvinte e pronto para ser invocado no discurso, mas o autor complementa que tal referente pode ter sido dito anteriormente no discurso ou não.

A categoria identificabilidade, como Lambrecht (1996) afirma tem relação com o conhecimento compartilhado por falante e ouvinte no momento da conversação. Contudo, o autor salienta que por existir uma grande quantidade de conhecimento na mente dos interlocutores, apenas uma parte desse conhecimento pode ser enfatizada no momento do discurso. Dessa maneira, um referente identificável dependendo de seu status na consciência dos interlocutores, pode ser ativo, acessível ou não usado. Segundo Lambrecht (1996), um referente é considerado ativo quando está “aceso” na mente dos interlocutores; esse estado de ativação de um dado referente termina quando um novo referente é ativado; quando um referente está na consciência dos interlocutores de forma periférica é considerado acessível, ou seja, o referente não está no centro da memória do ouvinte, mas pode ser recuperável por ter sido, por exemplo, mencionado no discurso anterior; por fim quando o referente não está “aceso” na mente do ouvinte, e nem se encontra na consciência dos interlocutores de forma periférica, ele é considerado não usado – sendo sua percepção possível pela memória de longo prazo dos interlocutores. Um referente não usado não se encontra no discurso atual, não pode ser recuperado pelo discurso anterior, e nem se situa no contexto situacional, en-

⁹ Tradução: uma representação compartilhada que já existe na mente do falante e do ouvinte no momento da enunciação.

¹⁰ Tradução: uma representação só existe na mente do falante.

tretanto seu reconhecimento se dá em virtude do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, como também do “background” dos interlocutores. Quanto ao estado de acessibilidade, Lambrecht (*op. cit.*) pontua que ela pode ser atribuída a três fatores: a desativação de um estado anterior (como por exemplo, do estado não usado), as inferências realizadas a partir de um esquema e a presença do mesmo referente no contexto externo ao discurso. No caso da desativação de algum estado ativo anterior no discurso, o autor chama de acessível textualmente; quando a acessibilidade acontece por intermédio de inferências de um estado ativo ou um elemento acessível no universo do discurso, ele o denomina de acessível inferencialmente; quando essa acessibilidade é devido à presença saliente no contexto extralingüístico, o autor o classifica como acessível situacionalmente. Logo, de acordo com o autor “*the psychological factors determing the activation states of discourse referents are thus consciouness and the difference between short-term memory and long-term memory*”¹¹. (LAMBRECHT, 1996, p. 94)

Sendo assim, o tópico faz parte da pressuposição, é identificável e, por isso, vai ter necessariamente certo status de ativação, podendo ser ativo, acessível ou não usado dependendo do status cognitivo do referente na mente dos interlocutores no momento da conversação. E por último, mas não menos importante, como salienta o autor, sua compreensão se dá de acordo com o contexto lingüístico e/ou extralingüístico, já que o tópico tem uma relação pragmática com a proposição, que pode, ou não, ser gramaticalmente marcada na sentença.

3. *Funções discursivas do tópico*

As construções de tópico-comentário, como muitos autores já destacaram, podem ser analisadas por duas perspectivas: a sintática e a discursiva. Na perspectiva sintática, um elemento da oração, geralmente um sintagma nominal, é deslocado à periferia esquerda da sentença seguido de uma sentença-comentário. Por vezes, esse elemento tópico desempenha alguma função sintática na sentença, contudo, como salienta Pontes (1987), Lambrecht (1996) e outros autores, apesar de alguns casos de construções de tópico poderem ser explicados por algum tipo de movi-

¹¹ Tradução: os fatores psicológicos que determinam os estados de ativação de referentes do discurso são, portanto, consciência e a diferença entre memória de curto prazo e memória de longo prazo.

mento sintático, essas construções estão acima dos níveis frásticos, sua interpretação e análise devem ser feitas de acordo com o contexto linguístico e extralinguístico. Diante disso, este estudo compreende que as construções de tópico são dependentes do discurso e que analisá-las sem levar em conta o discurso nos impede de aprofundar o conhecimento sobre essas construções. Por isso, esta pesquisa, ao analisar essas construções, sente a necessidade de estudá-las no nível do discurso. Abaixo, analisaremos o que os autores têm esboçado sobre o aspecto funcional dessas sentenças.

De acordo com Vasco (2006, p. 18) “Discursivamente, tais construções exercem importante função: o tópico atrai para si a atenção do ouvinte determinando o tema sobre o qual se faz um comentário, elaborado em uma sentença com sujeito e predicado”; já Cunha (2010, p. 1) acredita que “a característica principal é a de ser uma construção marcada, em que se coloca em evidência um elemento, chamado de tópico, e faz-se sobre esse tópico um comentário”; Botelho (2012, p. 51) completa “o tópico, na verdade, se liga ao discurso, cujo tema anuncia”. Nessa perspectiva, para Paula (2012) “o tópico tem o papel de anunciar (ou retomar) o tema do discurso e limitar o escopo de aplicação da sentença comentário e Moraes (2006, p. 16) “o tópico (representado sintaticamente por um SN) atrai para si a atenção do ouvinte, determinando o tema sobre o qual se faz um comentário, elaborado em sentença com sujeito e predicado”.

Diante do exposto, fica evidente que de um modo geral os autores enfatizam que o tópico apresenta uma função geral/elementar no discurso: anunciar o tema do discurso, atraindo para ele a atenção do ouvinte. Entretanto, este estudo acredita que além dessa função geral do tópico, ele pode servir para outros fins no discurso, como mostraremos abaixo:

3.1. Contraste

A função contrastiva do tópico ocorre quando um dos elementos de um conjunto é individualizado e contrastado com os outros. Observe os exemplos abaixo:

(1) **Essa cerveja**, eu não bebo. (topicalização) (PONTES, 1987 p. 75, grifo nosso).

(2) **O meu banheiro** o Sr. pode pintar. O outro deixa prá depois. (topicalização) (*op. cit.*, p. 76, grifo nosso)

(3) Doc.: Não. Eu digo... cê tem viajado fora daqui?

Inf. 24: [Ieu]?

Doc.: É. **São Paulo**, por exemplo.

Inf. 24: Já fui uma vez.

Doc.: Ah é?

Inf. 24: Já. **Sarvador** eu tive *lá* mês de malço, abribe. (deslocamento à esquerda) (MELO, 2012, p. 134, grifo nosso)

(4) **Shampoo-Johnson's**, *esse* eu posso usar. (deslocamento à esquerda) (PONTES, 1987, p. 81, grifo nosso)

(4.b) Eu posso usar Shampoo-Johnson's.

Em (1) como afirma Pontes (1987) está se contrastando “essa cerveja”, à qual o falante se refere, com todas as outras disponíveis no momento situacional. Dessa forma, o falante deixa claro que do conjunto de cervejas que existem na consciência ou no contexto extralinguístico dele e do ouvinte, ele quis especificar aquela da qual ele não beberia, dando a entender que outro tipo de cerveja ele beberia. Nas palavras de Pontes (1987, p. 76), “Nesse caso, está individualizando *essa cerveja*, separando-a do conjunto de cervejas, grifo da autora.” Em (2) o contraste se dá entre o banheiro que se pode pintar, e outro que não se pode pintar. Dessa maneira, do conjunto de banheiros que cliente e pintor tinham ciência da existência, a cliente separou “o banheiro do seu quarto” desse conjunto de banheiros, individualizando-o. Já em (3) o falante deseja destacar um dos elementos do conjunto de cidades do Brasil, contrastando com outro elemento desse conjunto que ele havia proferido anteriormente. “São Paulo” responde a pergunta do entrevistador, no entanto, é clara a intenção do falante de destacar a cidade que ele havia visitado mais recentemente, por isso, do conjunto de cidades que ele já pode ter visitado, ele preferiu destacar/individualizar a mais recentemente visitada. Já em (4), o contraste se estabelece entre os tipos de shampoos que o falante pode usar. Assim, do conjunto de shampoos, o falante individualizou uma marca, ou seja, um tipo de shampoo. Podemos imaginar que o falante estava em um supermercado diante de três marcas de shampoo, então, ele pega o Joshnson do conjunto de marcas disponíveis e diz para alguém que aquele shampoo, entre os outros, é o shampoo que ele pode usar. Colocando (4) na ordem SVO (4.b) percebe-se a neutralidade que a sentença adquiriu, evidenciando, então, a necessidade comunicativa do falante em utilizar (4) em vez de (4.b).

Dessa maneira, podemos evidenciar a função contrastiva do tópico, no qual ele serve para destacar, individualizar um elemento de seu respectivo conjunto.

Quanto ao *status* informacional dos termos topicalizados, pode-se notar que de uma forma geral (1) (2) (3) (4) o elemento tópico, apesar de não ter sido citado no discurso anterior, é inteligível aos interlocutores devido ao contexto linguístico, ou seja, aquelas palavras que de alguma forma o remetiam ao constituinte topicalizado e/ou ao contexto extralinguístico, isto é, a presença saliente do elemento tópico no momento da conversação. Em razão disso, os interlocutores puderam facilmente fazer inferências, as quais possibilitaram o reconhecimento do constituinte topicalizado. Dessa forma, levando em consideração a teoria de Lambrecht (1996), podemos dizer que o tópico, nesses casos, é um referente acessível inferencialmente.

3.2. Estabelecimento da progressão temática no discurso

Araújo (2006, p. 19) diferente dos demais autores, ao analisar o tópico sob uma perspectiva funcional, declara: “discursivamente ele é considerado como elemento que tem como função [...] retomar o que foi dito antes, estabelecendo a progressão temática do texto”. Dentro dessa perspectiva, é como se o falante sentisse a necessidade comunicativa de deixar claro o tema atual do discurso, ou seja, acerca de quem ou do que é o discurso para em seguida poder falar algo “novo” sobre ele. Dessa maneira, o tópico serve como um ponto de partida do qual falante e ouvinte se utilizam para identificação e reconhecimento do assunto atual do discurso, funcionando, então, como um ponto de ancoragem para a introdução de novas informações sobre esse tópico, estabelecendo, assim, a progressão temática no discurso. Seguem os exemplos:

(5) A. E a Rosa?

B. **Rosa**, eu falei com ela ontem (deslocamento à esquerda) (PONTES, 1987 p. 81, grifo nosso)

B1. **Quanto a Rosa**, eu falei com ela ontem.

(6) A. Tô procurando a Vanda.

B. **A Vanda** eu acho que tá dando aula. (topicalização) (*op. cit.*, grifo nosso)

B1. **Em relação à Vanda** eu acho que tá dando aula.

(7) A. Lá vem o atrasado Maciel.

B. **O Maciel** você acha que ele é atrasado? (deslocamento à esquerda) (*op. cit.*, grifo nosso)

B1. **Falando do Maciel** você acha que ele é atrasado?

(8) Que a terra as vez é mais forte, os cacho que ele a vez já de... Custô sai(r) mais.

Fomo lá no italiano, **o italiano** gostô muito (topicalização) (MELO 2012 p. 134, grifo nosso)

(8. A) Que a terra as vez é mais forte, os cacho que ele a vez já de... Custô sai(r) mais. Fomo lá no italiano, **no que diz respeito ao italiano** gostô muito.

(9) Doc: O fumo pega mais?

Inf.: O fumo pega mais do que a cachaça.

A cachaça eu bebo todo dia (topicalização) (*op. cit.*, grifo nosso)

(9. A) **Em se tratando de cachaça** eu bebo todo dia.

(10) Você tem falado com sua tia? **Minha tia**, ela mora na Europa agora. (deslocamento à esquerda) (avulso¹²)

(10. a) Quanto a **minha tia**, ela mora na Europa agora.

Podemos perceber por meio desses exemplos, que todos os elementos tópicos foram retomados do discurso anterior e que não há entre o tópico e o elemento que foi retomado outros tópicos. Quanto ao estabelecimento da progressão temática no texto, como verificado acima, a construção tópica serve como veículo para a introdução de um novo tema ao discurso, fazendo o discurso progredir, o qual foi possível graças ao enunciado anterior ao tópico. Isso pode ficar ainda mais claro quando comparado àquelas construções do tipo “quanto a” “em relação a”, já que sabemos que essas expressões são utilizadas, entre outras coisas, para estabelecer a progressão temática no discurso.

O conceito de progressão temática está intrinsecamente ligado ao status informacional dos referentes no discurso, já que o discurso progride à medida que novas proposições são acrescidas àquelas já conhecidas pelos interlocutores. Em (6.a), por exemplo, o status informacional de “Vanda” pode ser concebido como novo, já que era a parte informativa da sentença, que não era do conhecimento do ouvinte, apenas do falante no momento da conversação (LAMBRECHT, 1996), mas que, ao se tornar um conhecimento compartilhado entre os interlocutores (6.b), esse

¹² Esse exemplo foi extraído de conversas informais nas quais estive presente.

referente muda de status informacional para “dado”, “pressuposto”, uma vez que se tornou um conhecimento comum ente falante e ouvinte. Sendo um conhecimento comum entre os interlocutores, o referente pode assumir seu papel de tópico no discurso e, a partir daí, introduzir informações novas sobre esse tópico. No caso em questão a nova informação está presente na sentença-comentário: “eu acho que tá dando aula”.

Nesse sentido, pode-se constatar que, em todos os exemplos acima, a progressão temática se dá porque a parte assertiva/“nova” do enunciado (LAMBRECHT, 1966) (grifados em *itálico* e sublinhados) torna-se o tópico do enunciado seguinte (grifados em **negrito**) que, por sua vez, passa a servir como base para introdução de novas informações no discurso, assim, o discurso pode progredir com as informações novas colocadas na sentença comentário. Enfim, a progressão temática, nos exemplos acima, resume-se a: uma informação assertiva torna-se pressuposta, ao se tornar pressuposta, fica pronta para ser usada como ponto de partida para a introdução de novas informações no discurso. Portanto, o tópico, nos casos acima, tem por função estabelecer os pontos de ancoragem para o aporte das novas informações no discurso.

3.3. Promotor de mudança de assunto no discurso

Primeiramente, precisamos deixar claro uma questão: a ambiguidade da palavra *tópico*. De acordo com Pontes (1987) essa palavra tem sido usada na literatura como um conceito mais geral, próximo ao conceito de assunto, diferente das sentenças às quais servem de objeto de estudo deste trabalho. Dessa maneira, quando este estudo se referir ao “tópico”, ou seja, ao assunto em discussão no momento do discurso, este “tópico” será colocado entre aspas, diferenciando-se do tópico como construção sintático-discursiva. Feito essas considerações, poderemos entender outra função do tópico no discurso.

De acordo com Pontes (1987, p. 15) “para mudar de ‘tópico’” no discurso estabelecemos alguma relação entre o assunto em discussão e outro que queremos introduzir. O que possibilita essa estratégia comunicativa é a construção *tópico-comentário*. Observe os exemplos a seguir:

(11) **Já o jornal do Brasil**, você viu a Crônica de Drummond? (PONTES, 1987 p. 15, grifo nosso)

(12) **Falando de democracia**, você viu o discurso de F? (*op. cit.*, grifo nosso)

(13) **Falando de saúde**, como está seu pé? (avulso)

(14) F1: e as vezes temos esse tipo de conversa, sobre inteligência como usar e etc.

ah sim. esse é meu mais novo companheiro de viagens rs

F2: **inteligência**, como vc tem usado a sua?

F1: uhm... não sei se ando usando como deveria, mas sei que ando mais feliz rs ando aprendendo coisas novas, descobri que pelo menos por hora estou feliz na minha área. Descobri que não quero andar com os bons. (avulso¹³)

(15)¹⁴ F1: Oi Bozena, o que que foi? Veio pedir o que emprestado?

F2: Nada. Vim me emprestar. Não trabalho mais na Dona Rita.

F1: Ah...meu pai! Brigaram outra vez!?

F2: Dona Celinha, o que a Dona Rita precisa não é de uma de empregada. Ela precisa de *mágica*.

F3: **Mágica**, eu é que to precisando para me livrar da família do Ícaro...

Em (11) conforme Pontes (1987, p. 15) “estava-se falando que os jornais não tinham tocado num determinado assunto, e estabeleceu-se contraste entre esse jornal e os outros” para mudar de tema no discurso, o falante estabelece uma relação entre o assunto antigo e o assunto novo do discurso. Em que o “tópico” velho “é o jornal do Brasil” e o “tópico” novo é a “Crônica de Drummond” (PONTES, 1987). Isso foi possível, de acordo com Pontes (*op. cit.*) porque se pressupõe que o ouvinte sabia que a crônica do Drummond era escrita no Jornal do Brasil. Novamente a construção tópica se assemelha àquelas construções do tipo “quanto a”, “em relação a”, “falando de”. Em (12) “falando de democracia” é assunto antigo e o novo vai ser “o discurso de F?”. (PONTES, 1987, p. 15, grifo nosso), em que a construção tópica serve como ponte para essa mudança. Em (13) eu e meu amigo estávamos falando sobre saúde, de modo geral, no Brasil, para mudar de “tópico” ele recorreu a uma relação de familiaridade que existia entre o “tópico” velho e o “tópico” novo, já que ele sabia que eu estava com um problema de saúde, e estava me recuperando.

¹³ Eu vi essa conversa em uma rede social de um amigo.

¹⁴ Este exemplo foi extraído de um trecho de um diálogo de um programa humorístico (Toma lá da cá) exibido pela Rede Globo, no qual a personagem Bozena cansada de trabalhar em uma casa em que não se tinha o material necessário para realizar suas atividades domésticas decide se demitir. Essa personagem também trabalha na casa em frente, tendo como patroa a Dona Celinha. No momento do diálogo estavam na sala uma boa parte da família, inclusive Isadora, a falante³, que tinha acabado de perder o marido rico em um acidente e, por isso, estava com medo de perder os seus bens para a família dele.

Em (14) dois amigos conversavam primeiramente sobre o conceito de inteligência, se era inata ou algo relacionado à postura das pessoas em relação a uma determinada coisa ou situação. Em seguida, um dos interlocutores para falar de inteligência, não de forma geral, mais especificamente à inteligência do seu amigo, recorreu a uma relação existente entre o assunto antigo que é “F1: e as vezes temos esse tipo de conversa, sobre *inteligência* como usar e etc., ah sim. esse é meu mais novo companheiro de viagens rs” e assunto novo “*inteligência*¹⁵, como vc tem usado a sua?.” Já em (15) isso fica ainda mais claro. Primeiramente, o assunto do discurso versa acerca da empregada, especificamente sobre a necessidade de sua ex-patroa de mágica, e não de uma empregada, para realizar as tarefas domésticas. Ainda, falando de mágica, mas querendo abordar outro assunto no discurso, o falante³, utiliza uma construção tópica que funciona como um marco comum entre o assunto antigo e o assunto novo no discurso.

Diante disso, fica bem nítido, o papel da construção tópica nesse tipo de sentença: base para a mudança de assunto no discurso. No qual há nos dois assuntos: o velho e o novo uma relação de familiaridade que está contida no elemento tópico. Assim, para o falante introduzir um novo assunto ao discurso foi preciso estabelecer uma conexão entre o assunto em discussão e o assunto que será introduzido.

Como se percebe essas sentenças são inteligíveis devido ao conhecimento de mundo dos interlocutores, assim como o “background” compartilhado entre falante e ouvinte e também em virtude do tópico ser a parte pressuposta da proposição (LAMBRECHT, 1996).

Dessa maneira, o tópico funciona como uma base do qual falante e ouvinte se servem para promover a mudança de assuntos no discurso. No entanto, esses exemplos se diferenciam dos exemplos da seção anterior porque nos últimos, mas não nos primeiros, essa mudança de assunto do qual o tópico funciona como base é feita por uma relação de contiguidade que há entre o assunto antigo e o assunto atual em que o tópico funciona como elemento comum, no entanto esses dois assuntos não têm uma ligação. Ou seja, enquanto nos exemplos da seção anterior as novas informações aumentam o conhecimento já existente na mente do ouvinte

¹⁵ O ouvinte depois de ouvir a primeira fala do falante¹, ficou calado por alguns segundos, como se estivesse refletindo sobre o que fora falado antes, mas também como se estivesse prestes a pontuar algo, quando, então, disse a palavra “inteligência”, seguida de uma pausa que foi represento aqui com uma vírgula.

acerca dos elementos citados anteriormente no discurso, em que há uma relação entre as novas e velhas informações sobre o tópico, nos exemplos desta seção, as novas informações sobre o tópico não têm relação com as informações antigas. Assim, o tópico é o único elo em comum entre o assunto antigo e o assunto novo.

3.4. Reintrodução do tópico no discurso

Pontes (1987) postula que uma das funções do anacoluto seria a reintrodução de um tópico anteriormente expresso no discurso, por exemplo: uma conversa se inicia com um tópico, mas depois se fala de outras coisas, e, para voltar ao tópico anteriormente expresso, o falante faz uso de uma construção de tópico. Observe os exemplos abaixo:

(16) A- Não realmente, João, acho que eu te falei eu pretendo fazer acupuntura em Odontologia. É só aparecer e eu vou...enfiar a cara prá ver se a gente faz um curso diferente. Um curso de **especialização**, né? A gente clínico...fazer clínica geral é muito bom, a gente...(a) prende muito, ganha muito, né? O conhecimento não fica muito limitado....

B- Humm-hum

A- Enquanto que **especialidade**, a gente limita o conhecimento. (PONTES, 1987 p. 101, grifo nosso).

(17) B- Não fica toda vida? A metralhadora atirando?

A- Não! Não fica toda vida não. Esse negócio de ficar toda vida é conversa fiada! Toda vida **só arma automática**. Se ocê ficar com o dedo ali, se ficar com o dedo ali ela vai e volta e ... pá! Vai e volta e ...pá!

B- Feito metralhadora?

A- É. Feito metralhadora. Porque **a arma automática** quando a gente dá um tiro, o cano abre... (*op. cit.*, grifo nosso).

(18) Once there was **a wizard**. He was very wise, rich, and was married to a beautiful witch. They had two sons. The first was tall and brooding, He spent his days in the Forest hunting snails, and his mother was afraid of him. The second was short and vivacious, a bit crazy but always game. Now **the wizard, he** lived in Africa¹⁶. (LAMBRECHT, 1996, p. 177).

¹⁶ Tradução: Era uma vez um feiticeiro. Ele era muito sábio, rico, e era casado com uma bela bruxa. Eles tiveram dois filhos. O primeiro era alto e taciturno, passava os dias na floresta caçando caracóis, e sua mãe tinha por ele. O segundo era pequena e vivaz, um pouco louco, mas sempre brincalhão. Agora o feiticeiro, ele vive na África.

Em (16), como Pontes (1987) observou, o falante começa falando de “especialização”, muda de tópico falando sobre “clínica geral”, depois para voltar a falar de especialização usa um anacoluto. O mesmo ocorre em (17) em que o falante estava falando de “arma automática”, quando é interrompido pelo ouvinte por uma pergunta sobre “metralhadora”, para retornar ao tópico anterior “arma automática” faz uso de uma construção tópica (PONTES, 1987 p. 101). Já em (18) a história começa falando sobre um “feiticeiro”. Em seguida, novos tópicos são inseridos no texto: a esposa do feiticeiro e os dois filhos dele. Note que para voltar ao antigo tópico “a wizard”, foi utilizado um deslocamento à esquerda “Now **the wizard, he lived in Africa**”.

Diante desses exemplos, pode-se evidenciar que não só o anacoluto, como também o deslocamento à esquerda pode funcionar como reintrodutor do tópico no discurso. O uso da construção tópica foi possível porque, embora o tópico inicial não esteja mais “aceso” – nos termos de Lambrecht (1996) – na mente dos interlocutores no momento do discurso, ele pode ser recuperado em virtude de estar na memória periférica dos interlocutores, ou seja, o tópico pode ser recuperado por ser um referente acessível. Essa acessibilidade do tópico se dá, nos cinco exemplos, devido a sua menção no discurso anterior. Sendo assim, o tópico nesses casos foi inteligível em virtude de ser um referente acessível textualmente.

3.5. Introdução de tópicos novos no discurso

Ainda que não seja uma função tão comum da construção tópica, em alguns casos, tais estruturas funcionam como introdutoras de novos tópicos no discurso. Pontes (1987) afirma que nesses casos começa-se a falar de alguma coisa que não havia sido mencionada antes no discurso. Portanto, de acordo com a perspectiva de Lambrecht (1996), o tópico nesse viés se põe de alguma forma na consciência dos interlocutores. É identificável, mas não ativo na consciência dos interlocutores, já que não estava “aceso” na mente do ouvinte no momento do discurso. Dessa maneira, o tópico, então, seria um referente identificável acessível ou não usado.

Quanto a ser um referente acessível, como o tópico nesses casos não é mencionado no discurso anterior, não pode ser considerado um referente acessível textualmente. Dessa forma, esse referente pode ser acessível situacional ou inferivelmente. Os exemplos abaixo ilustram tal postulação:

(19) **Esse buraco**, menina, taparam *ele* outro dia. (deslocamento à esquerda) (PONTES, 1987 p. 16, grifo nosso).

(20) **Meus óculos**, você apanha a capa? (anacoluto) (*op. cit.*, grifo nosso)

(21) **E o almoço**, eu volto mais cedo. (anacoluto) (*op. cit.*, p. 97, grifo nosso)

(22) **Pai** – essa viagem tá grande, né? (anacoluto) (*op. cit.*, grifo nosso)

Em (19) a construção tópica introduz um elemento novo ao discurso “esse buraco”. Quanto ao seu status de ativação, podemos dizer que é um referente acessível situacionalmente, já que “esse buraco” era uma coisa conhecida por ouvinte e interlocutor por meio do ambiente que ambos compartilhavam no momento da fala, já que se pode depreender que o falante estava mostrando o referente que está ocupando o lugar de tópico ao ouvinte. Isso é evidenciado pelo pronome demonstrativo, que segundo Pontes (1987) seria uma característica desse tipo de construção. Entretanto, a autora salienta que às vezes o “contexto dispensa mesmo o pronome demonstrativo porque o objeto está visível e é evidente a sua identificação (é o único na vizinhança)” (PONTES, 1987 p. 16). Essa postulação de Pontes (*op. cit.*) pode ser comprovada em (20) em que o tópico “meus óculos” eram os únicos óculos por perto e estavam visíveis para o ouvinte, mas assim como os outros exemplos, o tópico é um referente acessível situacionalmente, uma vez que tal referente estava presente no ambiente do discurso.

Em (21), Pontes (1987) explica que a patroa estava dando instruções à sua empregada quando disse – “Tina, pode botar a roupa na máquina. E o almoço, eu volto mais cedo”. Sem o contexto, alguém poderia entender que a patroa voltaria mais cedo para almoçar, no entanto, o contexto revela que a patroa disse à empregada que ela poderia colocar a roupa na máquina, mas que em relação ao almoço, ela voltaria mais cedo do trabalho para prepará-lo. Nesse exemplo, o novo tópico é introduzido pela palavra “almoço” que como o contexto indica não tinha sido mencionado antes no discurso, portanto, não é um referente ativo ou acessível textualmente. Assim, levando em consideração que para um referente ser concebido como acessível situacionalmente, ele precisa estar saliente no contexto extralingüístico, não podemos dizer que tal referente tem esse status, já que o referente em questão não estava saliente no ambiente dos interlocutores. No entanto, pode ser devidamente entendido em virtude do conhecimento compartilhado dos interlocutores no momento da conversação. Dessa maneira, de acordo com Lambrecht (1996), o referente é acessível inferencialmente, já que podemos pressupor que de alguma

maneira o fato da patroa dá instruções para empregada sobre as obrigações de casa evocam o referente em questão.

Já em (22) o tópico “pai” não pode considerado um ser referente acessível situacionalmente, já que tal pessoa não estava no ambiente no momento da fala. Conforme Pontes (*op. cit.*), essa frase foi falada pelo filho dela, dirigindo-se a ela, enquanto o pai dele estava viajando. A autora também afirma que não se havia falado do pai antes, nem da viagem, mas que estava tudo presente em suas consciências, no seu contexto familiar. Nesse caso se pode dizer que o tópico “pai” é um referente não usado, já que para ser compreendido, precisa ser buscado da memória de longo prazo dos interlocutores (LAMBRECHT, 1996, p. 94). Isso é evidenciado na fala de Pontes (*op. cit.*, p. 16) quando ela diz que “que estava tudo presente em nossas consciências”, ou seja, ainda que tal referente não fosse o assunto atual do discurso, não tivesse sido mencionado anteriormente no discurso ou não estivesse presente no ambiente da fala, o referente foi inteligível porque era um conhecimento compartilhado entre os interlocutores, que estava estocado em suas memórias.

Diante disso, podemos postular, levando em consideração que o elemento tópico em todos os exemplos supracitados não foi mencionado antes no discurso, que a função da construção tópica nesses casos foi de introduzir um tópico novo no discurso. Sendo o elemento tópico um referente identificável pelo ouvinte partindo do contexto extralinguístico do enunciado. Dessa forma, isso testifica o que Lambrecht (1996) diz em seus estudos, o tópico faz parte da pressuposição, é identificável e nem sempre é a informação velha. Nos casos apresentados nesta seção, de fato, o termo “velho” não cabe. Por isso, de forma geral, este estudo compreende a necessidade do rótulo “velho” ser evitado e acredita que o termo “dado”, nesses casos, é o mais adequado.

3.6. Ênfase

De acordo com o dicionário Aurélio (2005) ênfase significa: “1. Modo afetado de se exprimir. 2. Relevo ou destaque especial”. Conforme o segundo conceito, pode-se depreender que a ênfase está relacionada ao relevo/ao destaque especial sobre alguma coisa. Assim, entendemos que a ênfase está relacionada à necessidade comunicativa do falante de pôr em relevo em um determinado elemento ou coisa. No que se refere à estrutura linguística, como algumas construções são mais frequentes do que outras em uma determinada língua (não marcadas), o falante sente neces-

sidade de recorrer a estruturas menos comuns (marcadas) quando deseja ser mais expressivo ou enfático. Assim de acordo com Martelotta (2011, p. 170)

Uma forma linguística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade. Assim, quando querem ser expressivos, os falantes usam formas marcadas.

Dessa maneira, as construções de tópico, por serem estruturas marcadas em relação à canônica SVO, seriam utilizadas como uma necessidade comunicativa do falante de ser mais expressivo. Dessa forma, a utilização de construções tópicas por falantes do português brasileiro pode estar, dentre outras coisas, intimamente ligada à necessidade dos interlocutores em focalizar um determinado elemento da sentença que não estaria enfatizado se estivesse em sua forma não marcada. Diante do exposto, e pelos inúmeros trabalhos sobre o tema, é inegável que o tópico, em virtude de ser uma estrutura marcada, como pontuou Cunha (2010), chame a atenção para o termo que está na posição de tópico.

Não obstante, este trabalho, no que diz respeito às funções discursivas do tópico no discurso, concebe ênfase quando em determinado momento do discurso o falante deseja chamar atenção para determinada coisa, situação, ou pessoa de forma que fique clara a intenção do falante em fazê-lo. Assim, a ênfase/relevo no qual este trabalho se baseia não está relacionada ao conceito de ênfase postulado pelos autores supracitados quando mencionam, por exemplo, que o tópico tem como função chamar a atenção o ouvinte, em que o elemento tópico é colocado em evidência. Isso decorre deste trabalho considerar, como dito anteriormente, que essa função do tópico de pôr em relevo determinado elemento do discurso possa ser sua função geral, mas não a única no discurso.

Diante dessa perceptiva, nas funções discursivas do tópico já arroladas por este trabalho, outros fatores estão relacionados com a essa função geral do tópico, como a necessidade de contrastar algum elemento do discurso com outro ou a necessidade de usar o tópico como reorganizador do discurso, auxiliando na progressão temática do texto. Portanto, acreditamos que, embora o tópico possa desempenhar essa função geral no texto- já que ele é termo sobre o qual se declara alguma coisa-, a construção tópica pode desempenhar outras funções discursivas mais específicas no texto.

Enfim, nos casos arrolados nesta seção o tópico terá como função discursiva predominante ou total a ênfase ou relevo de determinada coisa de forma que fique clara a intenção do falante em fazê-lo.

Para clarificação dos exemplos a seguir, compararemos as construções tópicas com suas contrapartes canônicas:

(I) (II)

(23) **Essa casa** bate bastante sol. (23. a) Bate bastante sol nessa casa.

(falso SVO) (PONTES, 1987 p. 34, grifo nosso)

(24) **A Belina deita** o banco, sabe? (24. a) O banco da Belina deita.

(falso SVO) (*op. cit.*, grifo nosso)

(25) **Esse carro** cabe 60l. de gasolina. (25. a) 60l de gasolina cabem nesse carro.

(falso SVO) (*op. cit.*, grifo nosso)

(26) **Essa janela** não venta muito. (26. a) Não venta muito por essa janela.

(falso SVO) (*op. cit.*, grifo nosso)

(27) **A ponte** Rio Niterói chove muito. (27. a) Chove muito na ponte Rio Niterói. (falso SVO) (CUNHA, 2010, p. 57)

Pontes (1987) acredita que os pares de sentenças acima não são semanticamente equivalentes e que não poderiam ser substituídas no mesmo contexto. Em (23) o falante quis chamar atenção para sua casa, exaltando uma característica da mesma. Assim como em (24), em que o falante deseja chamar atenção para uma característica do carro e (25) em que a característica a ser ressaltada no carro é o fato dele ter um tanque de combustível grande no qual cabem 60l de gasolina. Em (26), o falante deseja chamar a atenção para uma característica da janela, que, por ser pequena, não favorece muita ventilação. Já em (26), a diferença entre a forma canônica e a construção de tópico é muito clara e de interessante análise; em (27a) dá-se a entender que está chovendo muito na região que se localiza a ponte Rio Niterói, em contrapartida, em (27) o falante quis ressaltar uma característica da ponte que por estar próximo ao mar é mais atingida por fortes chuvas (CUNHA, 2010, p. 57). Pontes (1987) acredita que as sentenças em (II) são mais neutras e impessoais do que as (I). Isso se evidencia claramente em todos os exemplos e suas respectivas formas canônicas. Além disso, reitera que tais construções, embora tenham o

mesmo conteúdo proposicional, não são semanticamente equivalentes como ficou evidenciado em (27) e (27.a).

Para finalizar esta seção, vamos analisar outras estratégias de tópico como deslocamento à esquerda e anacoluto que também podem vincular essa ideia de ênfase como concebida por este trabalho. Observe os exemplos a seguir:

(28) **Globo**, a gente se vê por *aqui*! (anacoluto) (propaganda, grifo nosso)

(28. a) A gente se vê pela Globo.

(29) **Gol 1000** até o Romário tá querendo *um*. (deslocamento à esquerda) (propaganda, grifo nosso)

(29. a) Até o Romário tá querendo um Gol 1000.

Em (28) o elemento “Globo” estando na posição que está confere mais força, notoriedade e expressividade à palavra. Por outro lado, em (28a) ao ser deslocado para o final da sentença, a “Globo” perde esse relevo, tornando-se um elemento neutro na sentença. Já (29) foi tirado de uma propaganda de automóvel. Sabemos que a propaganda em geral a fim de atingir seu objetivo- que é persuadir o ouvinte- usa de subterfúgios linguísticos e extralinguísticos. Nesse caso, a propaganda supunha, então, que o destinatário soubesse que o Romário era um jogador de futebol que estava prestes a atingir a marca de 1000 gols. Aproveitando-se do “background” dos consumidores, essa propaganda elaborou, propositalmente, uma frase com duplo sentido que foi estruturada propositalmente de uma forma não usual gerando, então, um efeito de sentido muito criativo e expressivo. Logo, se a propaganda utilizasse (29. a) em vez de (29), o elemento sobre qual a atenção do consumidor incidiria seria “Romário”, e não o “Gol 1000”. Portanto, a escolha de (29) em vez de (29.a) se deu pela necessidade comunicativa da propaganda de colocar em destaque o produto que ela estava anunciando. Assim, em (28) e (29) a construção tópica serviu para chamar a atenção do receptor para os termos os quais seus respectivos idealizadores consideravam de maior importância.

Diante desses exemplos, fica claro o caráter marcado das construções de tópico e a não equivalência semântica entre elas e as canônicas SVO. Além disso, conseguimos evidenciar que a necessidade comunicativa do falante que o motiva para utilização das construções tópicas, uma vez que tanto nos exemplos de Pontes (1987) e de Cunha (2010), que são exemplos de situações reais espontâneas do dia a dia, como nos exemplos que estão no âmbito da publicidade, a função do tópico foi chamar a

atenção da audiência para uma característica de alguma coisa ou para o próprio elemento em questão.

4. Considerações finais

A intenção deste trabalho foi de analisar as sentenças de tópico: topicalização, anacoluto, deslocamento à esquerda e Falso SVO por uma perspectiva discursiva. Esta análise foi alicerçada seguindo pressupostos funcionalistas, principalmente, as teorias de Lambrecht (1996) e de Pontes (1987), assim como de outros autores.

Quanto aos objetivos propostos, identificamos 6 funções discursivas que as construções de tópico podem desempenhar no discurso: a) como elemento de contraste; b) elemento reintrodutor do tópico; c) elemento promotor de mudança de assunto no discurso; d) elemento que serve de retomada para uma entidade mencionada anteriormente; e) elemento introdutor de novos tópicos e f) elemento responsável pelo relevo de determinada coisa ou pessoa no discurso.

Com isso, como falado na introdução e ao longo do trabalho, tentamos demonstrar que o tópico pode desempenhar outras funções discursivas, além daquela que é normalmente atribuída ao tópico pelos autores – como elemento que anuncia o tema do discurso, chamando para si a atenção do ouvinte. No entanto, outras pesquisas precisam ser feitas para descobrirmos se essa função ao qual nosso estudo chamou de geral/elementar do tópico é uma das funções das construções de tópico ou se esta é uma função principal que está embutida em todas as outras analisadas por este estudo. Sem dúvida o tópico anuncia o tema do discurso. Isso pode ser evidenciado em todas as funções discursivas relacionadas acima. O que não se pode afirmar é se em todas as funções discursivas arroladas neste estudo, o tópico tem a função de chamar a atenção do falante. Acreditamos que de todas essas funções as que mais se adéquam ou se relacionam a essa função elementar é a função contrastiva e de ênfase do tópico, já que nesses casos o elemento tópico ganha relevo ou sobre os outros elementos de um mesmo conjunto ou simplesmente pela necessidade comunicativa do falante de destacar determinada coisa, situação ou característica, por exemplo.

Dessa maneira, pesquisas como essa são importantes, já que acreditamos que o reconhecimento dessas construções e, conseqüentemente, de suas funções discursivas são fundamentais para os professores de língua portuguesa, uma vez que ao se depararem com essas construções nos

textos orais e escritos dos alunos, tais professores por desconhecimento e/ou preconceito as tratam como construções não padrão. Logo, o conhecimento e reconhecimento dessas funções desencadearia uma nova postura na qual não só a análise sintática, mas a discursiva seria levada em conta.

Cabe ressaltar, como ficou evidenciado nos exemplos, que em virtude do conhecimento prévio e do background compartilhado pelos interlocutores, o constituinte tópico não precisa ser mencionado no discurso anterior. Dessa forma, afirmar que o tópico é a informação “velha” merece um olhar criterioso, já que nem todos os tópicos são informações “velhas”. Para os casos em que o tópico introduz uma informação nova, preferimos o termo dado. Na maioria dos nossos exemplos, o constituinte tópico havia sido mencionado no discurso anterior, e, isso pode ser evidenciado em todas as funções discursivas do tópico, com exceção de uma função discursiva na qual o tópico introduz informações novas. Essa última função foi a qual encontramos menos exemplos.

Com relação às estratégias de tópico, de acordo com nossos dados, a topicalização tem uma forte tendência para o contraste no discurso, apesar de poder exercer outras funções; o deslocamento à esquerda e o anacoluto tem um papel importante na organização e estruturação do discurso, tendo figurado em todas as funções discursivas que têm relação com o aspecto informacional do discurso; quanto ao Falso SVO, só apareceu na função discursiva ligada à ênfase. Sendo assim, ao que tudo indica não há uma relação um a um entre as estratégias de tópico e as funções discursivas, já que há funções que apresentam quase ou todas as estratégias, como também há estratégias que só desempenham uma função no discurso.

Enfim, diante de todas essas postulações fica clara a contribuição deste trabalho – que analisou de forma profunda essas estruturas a fim de tomarmos ciência de outras funções discursivas, além daquela que lhe é comumente atribuída, contudo, há ainda muitas perguntas a serem respondidas, por isso, estamos cientes que outras pesquisas com essa perspectiva são necessárias, já que o assunto é de grande amplitude, complexidade e, sobretudo, por acreditamos que o número de funções discursivas das sentenças de tópico pode ser ainda maior. Sendo assim, a intenção deste trabalho não foi exaurir o assunto, mas sim, introduzi-lo e estimular futuras pesquisas com o mesmo viés.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva*. 2006. Tese (doutorado). – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Salvador.

BOTELHO, José Mario. A ordem dos termos em português e a topicalização. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 10, n. 47, p. 20-32, 2010.

CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante da. Estrutura tópico-comentário, A tradição gramatical e o ensino de redação. *SOLETRAS*. São Gonçalo: UERJ, n. 20, 2010.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (Org.). *Subject and topic*. New York: Academic Press Inc., 1976.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, Luciana de. *Topicalização e cultura de oralidade*. 2012. Tese (doutorado). – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MORAIS, Elaine Belford. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. 2006. Dissertação (de mestrado em linguística). – UFRJ, Faculdade de letras, Rio de Janeiro.

PAULA, Mayara Nicolau de. *As construções de deslocamento à esquerda de sujeito no PB: um estudo em tempo real de curta duração*. 2012. Dissertação (mestrado) – Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

VASCO, S. L. *Construções de tópico na fala popular*. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.